

ATA REUNIÃO Nº 007/2019

Aos trinta e um dias do mês de julho de dois mil e dezenove, às dezesseis horas, tendo por local a sala da Gestora do Comitê de Investimentos, reuniram-se os membros do Comitê de Investimentos do RPPS de Dona Francisca, Olavo José Cassol, Cláudia Raquel Alves e Laura Hermes. Essa reunião é conduzida por mim, Laura Hermes, presidente deste Comitê e Gestora dos recursos do RPPS de Dona Francisca.

A reunião é ordinária mensal e tem por objetivo avaliar a rentabilidade obtida no mês de janeiro, avaliar novas possibilidades de realocação e ainda discutir os rumos da economia nacional e mundial.

Primeiramente acessamos o Sistema de Gestão em Investimentos disponibilizado pela empresa de consultoria Referência Gestão e Risco, contratada para esse fim, com o intuito de analisarmos e ainda para averiguar os rendimentos obtidos ao longo do mês de junho em todos os fundos de investimentos em que temos recursos alocados. Foram obtidos duzentos e quarenta e seis mil e quinhentos e noventa e quatro reais e quarenta e um centavos (R\$ 246.594,41), superando assim a meta para o período. No ano, são oitocentos e quarenta e cinco mil e quinhentos e noventa e sete reais e trinta e quatro centavos (R\$ 845.597,34) de rentabilidade, que excedem a meta em cento e sessenta vírgula vinte e um por cento (160,21%). Em valores, no acumulado, temos aplicados hoje dez milhões e quatrocentos e setenta e oito mil e duzentos e três reais e sessenta e cinco centavos (R\$ 10.478.203,65).

Olavo lembra e pede para que conste em ata, que no dia 15 de julho houve a necessidade de realocar oitenta mil reais (R\$80.000,00) do Fundo BANRISUL FOCO IRF-M 1 FI RENDA FIXA – CNPJ 18.466.245/0001-74, para o Fundo BANRISUL PATRIMONIAL FI RENDA FIXA LP – CNPJ 04.828.795/0001-81, com a finalidade de pagar a folha do décimo terceiro salário dos usuários do Fundo de previdência.

Laura fala aos outros membros sobre um material recebido pela Empresa Referência Gestão e Risco, e pede que Cláudia faça a leitura: *“Em meio a doses de desânimo em relação ao quadro econômico, muitos questionam quando será possível uma arrancada do crescimento. A resposta passa pela compreensão do porquê o Brasil está estagnado. Fazer diagnósticos não é tarefa fácil e há muitas divergências entre os economistas. Alguns dão mais peso a choques de curto prazo, como a Argentina ou a greve dos caminhoneiros no ano passado. No entanto, estivesse a economia mais sólida, choques adversos teriam impacto mais modesto e transitório. Outros apontam para a mudança da política econômica*

nos últimos anos, com o corte dos gastos públicos e do crédito dos bancos estatais. Ainda que esses fatores acima possam ser relevantes para compor o quadro de estagnação, não seriam a razão principal para a fraqueza da economia. A importância excessiva dada a eles acaba sendo justificativa para a defesa de estímulos de curto prazo, como a liberação do FGTS. É crucial, porém, que essas políticas estejam inseridas em um contexto mais amplo de reformas estruturais, para evitar desperdício de recursos e de tempo. Isso porque o grande problema da economia brasileira é estrutural, com encolhimento do potencial de crescimento. Existem analistas que depositam excessivo otimismo no avanço das reformas. Um ambiente econômico estável contribui certamente para o avanço da agenda econômica (gastamos tempo demais discutindo a taxa Selic), mas não é automático. É necessário esforço reformista, o que não é fácil. Basta notar as idas e vindas de anúncios do governo, como a redução das tarifas de importação de bens de capital e informática. E não será uma reforma sozinha que permitirá a aceleração do crescimento ao menos. Não há milagre para gerar uma arrancada de crescimento. A fraqueza da economia não é conjuntural e transitória, mas sim estrutural. Caberá ao governo Bolsonaro avançar na agenda de reformas, com a ingrata realidade de que o grosso do benefício poderá ficar para uma próxima administração. Hoje, (31/07), acontece a 5ª reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do ano, num ambiente que pouco mudou nos últimos 45 dias, mesmo com a aprovação da reforma em 1º turno: permanecem as pressões tanto no âmbito local quanto no internacional para que os principais Bancos Centrais reforcem os estímulos econômicos. Em relação ao resultado do Copom, o mercado acredita em um corte imediato na taxa básica de juros, sendo que como acontecerá temos a menor parte dos analistas esperando um corte de 25 pontos base, já a grande maioria espera uma redução de 50 pontos-base, levando a SELIC para 6,00% ao ano. Quanto às projeções do IPCA, houve uma nova queda das expectativas. Os efeitos recentes na inflação corrente associados a choques de oferta e o ainda fraco quadro de crescimento da economia continuam impactando de maneira negativa nas projeções, que ficaram em 3,70%. Por fim, em termos de alocações dos fundos no mercado local, as posições mais comuns seguiram com apostas que se beneficiam do corte da Selic (posições “aplicadas” em juros prefixados e em juros atrelados à inflação). Vale destacar que tal posicionamento tem sido um dos principais contribuidores para a boa performance no ano, dado o movimento de forte queda das taxas negociadas no mercado de juros futuros.”

Dito isso, concordamos, por unanimidade, em manter a carteira de investimentos até segunda ordem.

Nada mais havendo, eu, Laura Hermes, encerro esta reunião e lavro a presente ata que vai assinada pelos presentes.

Dona Francisca, 31 de julho de 2019.

Laura Hermes, Claudia R. Alves

Assinatura dos presentes